

Metodologias ativas

O aluno na linha de frente da aprendizagem

Págs. 4 à 7

Dignidade Íntima

CPS recebe programa de valorização da mulher

Pág. 3

Extensão

Fatec é parceira em banco de leite de Marília

Págs. 8 e 9

O novo lugar do estudante

A principal reportagem desta edição da Revista do CPS é dedicada a mostrar o que significa, na prática, o trabalho da nossa instituição apoiado pelas mais atuais metodologias pedagógicas, conhecidas como metodologias ativas. O objetivo primeiro desses conceitos educacionais é fazer com que os alunos saiam dos bancos passivos da sala de aula convencional e tomem lugar na linha de frente da construção do seu conhecimento. Isto é, tornem-se “ativos” na sua própria formação.

Nas Escolas Técnicas (Etecs) e nas Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais existem inúmeras iniciativas e projetos alinhados com essa proposta. Os resultados, como não poderia deixar de ser, mostram um excelente engajamento

tanto de professores quanto de estudantes. Mais do que o ouvir, o aprendizado precisa do fazer, do experimentar, do errar, do tentar novamente. As metodologias ativas estão sendo aplicadas até mesmo nas formações de docentes do CPS, para que os educadores vivenciem exatamente os desafios que irão apresentar a seus alunos.

Ainda nesta edição, a mulher está em foco em dois temas da maior importância: menstruação e amamentação. O Programa Dignidade

Íntima, do Governo de São Paulo, chega às nossas escolas e faculdades, fornecendo gratuitamente produtos de higiene íntima às estudantes. E, ainda, os responsáveis pelos laboratórios de microbiologia e de análise físico-química da Fatec Marília contam de que modo a unidade contribui para o Banco de Leite da cidade, que atende também a região.

Recomendo ainda a entrevista com Rodrigo Filgueira, representante da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que participou de um seminário no CPS para debater sobre competências socioemocionais.

Boa leitura!

Laura Laganá

Diretora-Superintendente



Laura Laganá na live de lançamento do Programa Dignidade Íntima



Esta Revista é uma publicação do Centro Paula Souza, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo

Diretora-Superintendente

Laura Laganá

Vice-Diretora-Superintendente

Emilena Lorenzon Bianco

Chefe de Gabinete

Armando Natal Maurício

Edição e reportagem

Áurea Lopes
(Giusti Comunicação)

Projeto gráfico

Ana C. La Regina

Editoração

Ana C. La Regina

Capa

foto: Gastão Guedes

Jornalista responsável

Dirce Helena Salles - MTB 11.629

Assessoria de Comunicação - AssCom

Jornalistas

Aline Silva, Cristiane Santos,

Cristina Dantas, Fabio Berlinga e

Giusti Comunicação

Designers

Ana Carmen La Regina,

Diego Santos, Felipe Menegozzi,

Fernando França e Marta Almeida

Núcleo de Informações

Roberto Sungi

Secretaria

Raul Albuquerque

Redação

Rua dos Andradas, 140 - Santa Ifigênia

01208-000 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3324-3300

revistacps@cps.sp.gov.br

www.cps.sp.gov.br

[centropaulasouzasp](https://www.facebook.com/centropaulasouzasp)

[paulasouzasp](https://www.instagram.com/paulasouzasp)

[centropaulasouza.tumblr.com](https://www.tumblr.com/centropaulasouza)

Revista Centro Paula Souza - versão digital



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

O reconhecimento e a valorização da mulher



A compreensão das características e das necessidades específicas da mulher é um dos grandes avanços civilizatórios do nosso tempo. E a escola é um ambiente estratégico, onde esse entendimento deve ser construído, como parte da formação de crianças e adolescentes.

Por isso, é tão importante a implantação, no Centro Paula Souza (CPS), do Programa Dignidade Íntima, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo criada pela lei 17.525, em março de 2022. O programa prevê o fornecimento de itens de higiene pessoal em escolas públicas, como absorventes higiênicos íntimos, coletores menstruais, lenços umedecidos sem perfume, sacos e respectivos dispensadores para descarte de absorvente, entre outros.

Desde 2014, a Organização das Nações Unidas (ONU) considera o acesso à higiene menstrual uma questão de saúde pública e de direitos humanos. No Brasil, o relatório “Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos”, elaborado em 2021 pelo Fundo de População das Nações Unidas e

pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, indicou que quatro milhões de meninas não tinham acesso a itens básicos de cuidados menstruais na escola.

Essa carência se reflete diretamente na educação das classes mais vulneráveis. Por falta de acesso a boas condições de higiene, muitas estudantes deixam de ir à escola no período menstrual. O prejuízo atinge não só a aprendizagem como a autoestima dessas pessoas. No CPS, o Programa Dignidade Íntima adquire relevância ainda maior, considerando-se que 85% dos alunos da instituição têm renda familiar abaixo de cinco salários mínimos.

Nas Escolas Técnicas (Etecs) e nas Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, a preocupação com essa questão já mobilizava as comunidades escolares em algumas unidades. Fabiana Golz Ribeiro Pereira, diretora da Etec Aristóteles Ferreira (Santos), conta que as alunas se organizaram em uma ação que envolveu toda a unidade. “Um fundo social local disponibilizou remessa mensal de produtos que são armazenados em um armário no banheiro das meninas.


Mais do que isso, foram distribuídos cartazes de conscientização contra a violência e pela valorização da mulher”, relata Fabiana. O slogan da campanha foi “Que nada te impeça de vir à escola”. Na Fatec São Paulo, também há algum tempo as próprias alunas se organizam para manter uma caixinha de produtos, que se autorregula, sem desperdício nem escassez. “De nós, por nós, para nós”, é o lema da iniciativa. As ações iniciais como essas das unidades vieram a somar, no momento da implantação do programa nas Etecs e Fatecs. As comunidades escolares foram envolvidas em campanhas educativas, de conscientização para a importância do programa e para o uso racional dos itens de higiene. ■

Os *novos* lugares de quem ensina e de quem aprende

A sala de aula nunca mais foi a mesma depois que Jean Piaget difundiu a teoria do construtivismo, nos anos 1960. O biólogo e psicólogo suíço revolucionou a educação ao questionar a hegemonia do professor como dono do saber e olhar para os estudantes como construtores do próprio conhecimento. Desde então, diversas metodologias pedagógicas surgiram com base nessa concepção e, a cada dia, criam-se mais e mais práticas que rompem a tradicional relação vertical de ensino. O professor desce do pedestal do saber para se colocar ao lado dos alunos, em apoio e orientação a eles. Crianças, adolescentes e jovens também assumem novas posições na linha de frente da aprendizagem, com direito a opinar e atuar em relação ao que e a como vão aprender.

Assim funcionam as metodologias ativas, tão valorizadas, hoje, em todos os níveis de ensino. Recebem esse nome porque propiciam que os alunos, em vez de receptores passivos, participem do processo educacional como agentes ativos. Essa participação se dá por meio de atividades interativas, pesquisas de campo, trabalhos colaborativos, desenvolvimento de projetos, uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), entre outras estratégias que motivam e engajam os estudantes. O estudo fica mais atrativo; a aprendizagem, mais significativa, com melhores resultados. Porém, deixando o pedagogo à parte, o que são, no dia a dia escolar, as tais metodologias ativas – objetos de vasta literatura, seminários e formações docentes?

Na Faculdade de Tecnologia (Fatec) Zona Leste, da Capital, a professora Janaína Rute da Silva Dourado leciona no curso de Gestão de Recursos Humanos. Ao trabalhar componentes curriculares como Negociação e Conflitos ou Comportamento Organizacional, ela começa por apresentar à turma um conteúdo de leitura – um artigo de congresso, uma reportagem. Depois, os estudantes devem ir atrás



de outras fontes e informações adicionais, nos meios que escolherem. Com o tema explorado compreendido, eles formam a primeira rodada de grupos.

A professora propõe, então, uma pergunta que deve ser respondida pelas equipes, sendo obrigatório que todos manifestem seu entendimento. Cada grupo elege um anfitrião, responsável por observar tudo o que acontece na atividade. Durante esse tempo, Janaína percorre os grupos como observadora, sem interferir, nem responder dúvidas. Passados dez minutos, sugere uma nova pergunta. Para esse próximo debate, troca-se um aluno, que vai para outro grupo. Essa dinâmica se repete com várias perguntas, até que todos os estudantes tenham passado por todos os grupos, exceto o anfitrião.

Por fim, forma-se um círculo em que os anfitriões apresentam seus relatórios e todos compartilham suas percepções. “Nessa hora, eles abordam muito mais do que os conteúdos programáticos. Também avaliam as relações interpessoais, o fluxo do trabalho. É uma experiência riquíssima”, relata Janaína. Só nessa prática, a professora combinou duas metodologias ativas: a sala de aula invertida (os alunos buscam informações antes de ter a aula sobre o tema) e a rotação por estações (interação entre equipes). ▶

Na pele do aluno

Uma tática que tem propiciado alto grau de eficácia no uso de metodologias ativas é fazer a formação docente utilizando as próprias práticas e ferramentas que os professores deverão aplicar em sala de aula. Ou seja, o professor vivencia exatamente a experiência do aluno, podendo assim compreender os desafios, as dificuldades e as alternativas de solução que deverá trabalhar com os jovens.

Eva Chow Belezia, coordenadora de projetos no Centro de Capacitação, ligado à Unidade do Ensino Médio e Técnico (Cetec), dá um exemplo de sucesso. Na formação de professores não licenciados, em 2021, as turmas tiveram a disciplina Seminário e Aprendizagem Colaborativa. “Muitas vezes, o professor utiliza o recurso de seminário em sala de aula, mas nem sempre da melhor maneira, nem sempre apro-

veitando ao máximo essa ferramenta. Assim, na formação docente, enfatizamos que quando um aluno faz um seminário, não é para ele dar aula no lugar do professor. Mas para que atue, durante toda a preparação do seminário, desde a definição do título até o produto final, na construção do próprio conhecimento”, diz a coordenadora de projetos.

Nas capacitações oferecidas pela Cetec, acrescenta Eva, os professores têm a oportunidade de conhecer e aprender como usar variadas opções de instrumentos de ensino, como mapas conceituais, histórias em quadrinhos, saraus, gravação de audiovisuais, resolução de problemas por projetos, entre outros. Como conclusão das formações, os docentes elaboram relatórios com foco nas possíveis formas de explorar esses recursos em suas disciplinas.

O PRODUTO DA APRENDIZAGEM

Na educação básica, as premissas que deram base ao Novo Ensino Médio – implantado por lei em 2022, mas já adotado no CPS desde 2018 – estabeleceram que o estudante deve ser o protagonista da aprendizagem, ou seja, um agente ativo na vida escolar. Com isso, o processo educacional ficou mais sofisticado e, conseqüentemente, mais eficaz: antes as aulas expositivas e dialogadas predominavam; hoje, o professor escolhe uma competência a ser trabalhada, elabora um problema e orienta o estudante para sua solução por meio de um projeto que vai exigir o desenvolvimento daquela competência.

Por exemplo, ao aprofundar os saberes da base comum em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, em vez de apenas estudar a teoria de geolocalização, os jovens são convidados a elaborar um mapa de seu bairro ou dos arredores da escola. Nessa tarefa, se deparam com diversas situações-problemas, para as quais preci-

sam propor soluções. “A finalidade não é acabar com o problema, mas trabalhar as competências envolvidas no desafio. Ao refletir a respeito da guerra entre Israel e Palestina, não esperamos que os alunos encontrem a saída para a paz, mas interessa avaliar aquilo que eles pensam como viável e de que modo pretendem atingir seus objetivos”, explica Davi Gutierrez, coordenador de projetos da Unidade do Ensino Médio e Técnico (Cetec).

Em geral, práticas didáticas ativas estimulam os alunos a apresentar um produto final de suas investigações e estudos. Um aplicativo de celular, um equipamento eletromecânico, um modelo de vestido, uma fórmula química, um plano de negócios. Podem ser produtos de diferentes naturezas. O mais importante é o que se aprende em cada etapa dessa construção, que é feita, de preferência, de forma colaborativa e multidisciplinar. Gutierrez conta que, em um projeto na Etec Prof. Armando José Farinazzo, de Fernandópolis, os alunos elaboraram uma maquete da cidade, com suas diversas estruturas, incluindo até a rede pública de esgoto. Não é difícil imaginar quantos conhecimentos foram trabalhados nessa empreitada. “Os estudantes têm autonomia para construir seus projetos, mas sob a orientação do professor, que continua a ser professor, a complementar a aprendizagem com sustentação teórica, indicação de fontes de informação fidedignas, realização de experimentos de risco em laboratório”, esclarece Gutierrez.

AUDIOVISUAL EM ALTA

Outra metodologia que cativa estudantes de todas as idades é o uso do estudo de caso por meio de filmes, em todas as suas possibilidades, tanto como fonte de material para estudo, quanto como meio de expressão. No curso de Automação de Escritório e Secretariado, na Fatec São Paulo, a professora Esmeralda Aparecida de Oliveira opta pelas duas alternativas: seus alunos são espectadores e produtores de vídeos. “O engajamento deles é enorme nessas atividades. Chegam a trazer problemas das empresas onde trabalham para discussão em sala de aula”, diz Esmeralda.

Para apoiar a atividade de estudo de caso, ela exibe *Fome de Poder*, do diretor John Lee Hancock, que conta a história do império McDonald’s. A classe é dividida em equipes. Uma assiste ao filme sob a perspectiva dos objetivos e estratégias de negócio. A outra equipe analisa a tecnologia. Para discutir o conteúdo, os grupos precisam promover seminários e participar de debates. Na atividade de abordagem de projetos administrativos, outro filme de apoio é *Uma saída de mestre*, do diretor F. Gary Gray. Depois de fazer uma avaliação em grupo sobre o filme, os jovens definem uma temática para desenvolver um projeto a ser apresentado em um seminário e compartilhado por meio de um vídeo que vai para o YouTube.

O uso de metodologias ativas já se consolidou como um pilar da qualidade de ensino do CPS. Tanto que a institui-

ção promove anualmente um evento específico para atualizar, ampliar e aperfeiçoar as boas práticas nesse campo. Iniciativa da Unidade do Ensino Superior de Graduação (Cesu), o Fórum de Metodologias Ativas fará, em outubro, a sua quarta edição. Além de palestras com especialistas, o Fórum apresenta trabalhos de professores de Etecs e de Fatecs.

“A escola é um canteiro de obras, onde acontece a construção do autoconhecimento, a ressignificação dos saberes, o despertar dos processos criativos. É fundamental utilizar as ferramentas educacionais adequadas, para os fins adequados, nos momentos adequados. As metodologias ativas estão na pauta da educação contemporânea, mas eu costumo dizer que não são orégano. Temos que saber o que usar, como usar, quando usar”, alerta Lucília Guerra, diretora do Centro de Capacitação Técnica e Pedagógica da Cetec.

IMPULSO DA TECNOLOGIA

Área que oferece inúmeras possibilidades para impulsionar as metodologias ativas, a tecnologia educacional é objeto de um forte investimento do Governo do Estado de São Paulo no CPS. Após a pandemia, o trabalho e o ensino remoto foram incorporados pela cultura da instituição no que tinham de melhor a oferecer. Cursos e atividades online passaram a fazer parte do cotidiano escolar, complementando as aulas presenciais e constituindo o que se chama ensino híbrido – também considerado uma metodologia ativa. O uso de plataformas e recursos de aprendizagem digitais, como softwares e simuladores, favorece a interatividade dos alunos.

Um grande salto será dado, ainda, com a implantação dos espaços maker nas Etecs e Fatecs. As unidades estão sendo preparadas para contar com salas multiuso, equipadas com conexão em alta velocidade, dispositivos e instrumental apropriados para o desenvolvimento de projetos colaborativos, com aplicação de tecnologias de ponta, como Internet das Coisas, Inteligência Artificial e robótica. Nesses espaços, o aluno será o “fazedor” de protótipos e produtos reais, mas, acima de tudo, é lá que ele vai edificar as bases de seu futuro profissional. ■





Um ato de amor que garante saúde

Muito já se falou e não restam dúvidas sobre o valor do leite materno para o desenvolvimento das crianças. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) aponta que cerca de seis milhões de vidas são salvas, por ano, devido ao aumento das taxas de amamentação até o sexto mês de vida. Um gesto tão natural e simples para a maioria das parturientes, no entanto, pode ser um desafio para aquelas que são impossibilitadas de amamentar, por diversos motivos. Para esse grupo, existem políticas como a Rede Global de Bancos de Leite Humano (rBLH), reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma das principais ações para redução da mortalidade infantil no mundo, na década de 1990.

No Brasil, criada em 1943, por iniciativa do Ministério da Saúde (MS) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a rBLH-BR é vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS). Reúne, no País, 225 bancos e 221

postos que coletam, analisam e distribuem leite humano doado por mães que têm mais leite do que os seus bebês conseguem consumir. Um dos polos dessa rede inclui a Faculdade de Tecnologia do Estado (Fatec) Estudante Rafael Almeida Camarinha, de Marília, por meio de um trabalho de extensão à comunidade junto ao Hospital Materno Infantil de Marília (SP), que atende dezenas de cidades da região.

Em convênio com o município, a Fatec Marília entra com o conhecimento científico, as instalações e a supervisão das análises de todo o leite humano doado. A prefeitura fornece um profissional de biomedicina para apoio operacional, insumos e capacitação técnica. Em média, cerca de cinco mil amostras por ano passam pelos laboratórios de microbiologia e de análise físico-química da faculdade. Só depois do aval da Fatec é que o produto pode ser oferecido às mães solicitantes. A professora Alice Yoshiko Tanaka é pioneira nesse trabalho. Pesquisadora sobre leite humano no Instituto Adolfo Lutz, ela fez parte da implantação do método de análise na unidade, em 2007.

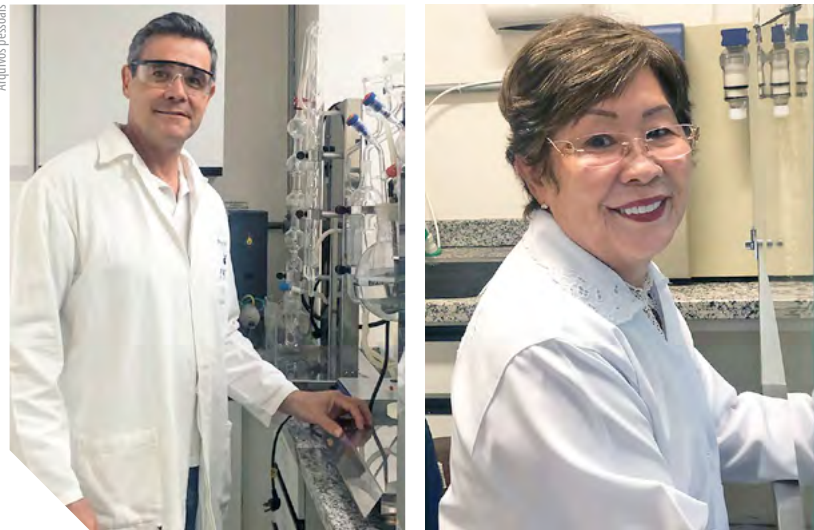
O processo envolve várias etapas. Retira-se uma amostra de 300 ml do leite doado, que é pasteurizado e congelado, até sair o resultado dos exames. A amostra vai para a Fatec, onde passa por dois tipos de investigação. No laboratório de microbiologia, pelo qual Alice é responsável, verifica-se se há algum fator de contaminação. No laboratório de análise físico-químico, coordenado pelo professor Paulo Sérgio Marinelli, avalia-se o valor calórico, a acidez, o percentual de gordura, entre outras proprie-



dades, para aferir a qualidade nutritiva do leite. Em geral, após três dias úteis já se tem o laudo de controle, que libera o produto para consumo.

Os estudantes do curso superior de tecnologia em Alimentos também se beneficiam desse trabalho. Os professores e os laboratórios envolvidos nas análises de leite humano são os mesmos com que os jovens convivem no dia a dia escolar. Assim, eles acompanham de perto todos os processos, até mesmo participando de ensaios e atividades práticas, na condição de estagiários. Marinelli conta que um grupo de alunos se interessou por fazer um estudo sobre a qualidade do leite pré e pós-pandemia: “Eles estão fazendo um levantamento de dados e monitoramento para saber se as questões da crise sanitária afetaram,

de alguma maneira, a qualidade do leite das mulheres da região. Essa pesquisa deve se tornar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)”. ■



Professores Paulo Sérgio Marinelli e Alice Yoshiko Tanaka

SOS Banco de Leite

A Covid-19 causou – e ainda está causando – prejuízos às vezes invisíveis, ofuscados pelo dramático número de mortes no País, porém, não menos importantes e preocupantes. Um exemplo é a queda de mais de 85% nas doações de leite humano no Hospital Materno Infantil de Marília. Não só o atendimento a mães da região foi afetado, como a amamentação de crianças internadas na UTI pediátrica que são alimentadas por meio do banco.

Apesar de o banco de leite e a Fatec Marília terem permanecido ativos, mesmo com aulas remotas, durante o período crítico da pandemia, a demanda por análises sofreu uma forte queda. Atualmente, existem 25 doadoras cadastradas no banco, quando o ideal

seria ter por volta de cem lactantes.

Em função desse cenário, alerta a professora Alice Yoshiko Tanaka, é fundamental que se retomem as campanhas públicas. “Nós temos como fazer isso, temos expertise, pois já foi feito em outras ocasiões. A prefeitura faz a capacitação de agentes de saúde para que orientem a população. Essas pessoas vão às casas das parturientes. Ensinam a coletar o leite em excesso, a esterilizar os vidros, a armazenar corretamente, até que o pessoal do banco venha retirar o material”.

Com isso, espera-se que, em breve, os laboratórios da Fatec Marília voltem a operar com carga total, realizando, em média, trinta análises por dia.

Meliponário: *um projeto educativo e de conscientização ambiental*

Você sabe o que é um meliponário? A flora nativa das Américas tem sua reprodução feita por polinizadores em sua grande parte constituídos por abelhas. Dentre estas, encontramos uma classe especial, as abelhas sem ferrão, que diferentemente das do gênero *Apis* europeia, não possuem o ferrão para sua defesa e da colônia. Sem essa estrutura, se utilizam de outras estratégias, como se emaranhar no cabelo ou nos pelos do agressor. Esse tipo de abelha, por sua própria natureza, permite um manejo melhor de suas colônias, em muitos casos não havendo sequer a necessidade do uso de equipamentos de proteção individual (EPI). Devido a essa facilidade, essas abelhas são ideais para projetos educacionais, com foco na conscientização ambiental.

Na Etec Mandaqui, localizada na zona norte da Capital, um projeto nesse sentido está entusiasmando a comunidade escolar. Foi planejada uma estrutura onde colônias de várias espécies de abelhas sem ferrão, como Jataí, Mirim-Droryana e Mandaçaia, convivem em uma estrutura associativa, que em seu conjunto se chama meliponário.

Esse projeto, que prevê o manejo e a manutenção da estrutura do me-

liponário, se propõe trazer uma visão ambiental do quanto é delicado o equilíbrio ecológico nos biomas afetados pela urbanização. Aborda também o quanto o desequilíbrio induzido pela espécie humana pelo seu avanço e destruição destes ecossistemas é prejudicial para a saúde humana, devido à alteração e à extinção da cobertura vegetal e seu consequente impacto no aumento da poluição atmosférica e no aumento das doenças respiratórias.

Para as práticas didáticas, foi construída uma estrutura em alvenaria que funciona como abrigo das colmeias. Tanto educadores como estudantes demonstram grande interesse nas atividades realizadas, ajudando com contribuições voluntárias na forma de serviços de manutenção, insumos materiais, como mudas de plantas e pequenos trabalhos temáticos artesanais.

A proposta é de que esse projeto dê frutos, levando conscientização à comunidade escolar sobre os impactos ambientais e econômicos que a falta desses polinizadores pode ocasionar – uma vez que 90% das plantas presentes nos biomas terrestres dependem deles para sua reprodução. Na falta desses agentes, a humanidade sofrerá grandes perdas de safras agrícolas e de diversidade ambiental, afetando diretamente a saúde pública. ■



Carlos Cesar Herman e Elder Ubirajara, professores da Etec Mandaqui

Conhecimento técnico ou socioemocional? Ambos!



Em abril, o Centro Paula Souza (CPS) realizou um fórum sobre esse tema, que já permeia os currículos nas Escolas Técnicas (Etecs) e nas Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais.

O encontro teve a participação de Rodrigo Filgueira, representando a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Responsável pela cooperação técnica associada à digitalização da formação profissional e ao desenvolvimento de habilidades digitais, ele pesquisa e promove o uso de novas metodologias para a formação profissional. Nesta entrevista, Filgueira fala da necessária complementaridade entre as habilidades técnicas e transversais.

O que são as competências transversais e qual o valor desse tipo de conhecimento na vida profissional?

Diversos centros de pesquisa e organizações, como a OIT, o Banco Mundial e o Banco Interamericano fizeram pesquisas que destacaram, basicamente, quatro competências essenciais às novas dinâmicas do trabalho: a comunicação, a colaboração, a criatividade e o pensamento crítico. Além dessas, também foram apontadas a capacidade para se mover no universo da informática, visando resolver problemas complexos, e uma que faz mais sentido na nossa região, que é o domínio de uma língua estrangeira. Essas habilidades são essenciais para uma atuação mais dinâmica, em equipe, com papel mais participativo na tomada de decisões. Sabemos que, de cada quatro empregados demitidos, um foi por falta de uma ou mais dessas competências transversais. Hoje, os empregadores dizem: “Contratamos

por conta das competências socioemocionais e também demitimos por conta delas”.

Essas habilidades são natas, isto é, a pessoa nasce com tais aptidões, ou podem ser adquiridas?

Sim, é possível desenvolver essas competências. Mais que isso, é preciso praticá-las. Treinar. Quando alguém quer aprender a lidar com uma máquina soldadora, o que faz é se informar sobre como usar a máquina e exercitar-se muitas horas, até aprender e ficar bom nisso. Da mesma forma, pode-se aprender e desenvolver outras competências, não técnicas. É um preconceito acreditar que algumas pessoas tenham certos dons e outras, não. O que podemos considerar é a questão do contexto socioeconômico, que pode favorecer ou não essas competências desde a infância. Por exemplo, em uma família com perfil colaborativo, essa característica faz parte da educação. Mas a maioria de nós não tem essa condição. Então, temos de ir construindo nosso conjunto de habilidades e pensamento crítico ao longo de nossa vida, na escola principalmente.

Qual o papel das instituições de educação no desenvolvimento das capacidades socioemocionais?

A escola é fundamental para estimular essas competências. Há grandes desafios, como romper a lógica do aprendizado passivo, o modelo tradicional de captar informação, treinar e reproduzir no dia da prova. Por isso, o sistema educacional como um todo – e não apenas o professor – precisa investir na transformação, abrangendo currículos, métodos de ensino e atividades que incluam as competências transversais. Não adianta dizer ao professor que ele deve favorecer a aprendizagem por projeto, mas não dizer “como” fazer isso. O professor também precisa ser preparado para ser capaz de promover essa mudança de paradigma educacional. ■



Seguir

CPS ganha prêmio concedido por gigante da tecnologia

Ser reconhecido por uma das cem companhias mais valiosas do mundo, segundo o ranking da revista norte-americana *Forbes*, não é pouca coisa. Em maio deste ano, o Centro Paula Souza (CPS) recebeu um prêmio, concedido pela ICT Academy. Iniciativa da Huawei, pelo melhor desempenho na qualificação de profissionais em 5G, Inteligência Artificial e Cloud. A multinacional chinesa criou, em 2013, o programa que oferece cursos de certificação em tecnologia reconhecidos pelo mercado de trabalho em todo o mundo.

Em Medellín, na Colômbia, para receber o prêmio, a vice-diretora-superintendente do CPS, Emilena Lorenzon Bianco, participou, ao lado de diversos educadores da América Latina, de uma robusta agenda de palestras, reuniões e troca de experiências. Ao longo do evento, foram apresentadas as mais atuais tendências em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Emilena relatou seu entusiasmo em aprofundar o conhecimento sobre ferramentas de alta conectividade, como 5G e Wi-Fi6: "Temos que estar atentos ao potencial dessas tecnologias na escola. Esses recursos são capazes de promover um ambiente de aprendizagem mais envolvente e mais significativo para nossos alunos", afirmou.



Estudantes de Etecs no topo do StartUp in School

Vitória dupla! Alunos de duas Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) da Capital conquistaram dois primeiros lugares no StartUp in School, programa realizado em parceria da Google com a consultoria Ideias de Futuro. O primeiro lugar da categoria App Inventor foi para o InVest, desenvolvido pelas alunas Camila Messias, Kamille Lima, Letícia Lesnoke, Luana Kaori e Vinícius Norgang, da Etec Jardim Ângela. O grupo criou um aplicativo para ajudar estudantes de baixa renda a se preparar para o vestibular.

Na categoria Tecnologia Livre, o vencedor foi o Comparete, criado pelas alunas Ana Beatriz Batista, Débora Regina dos Santos Silva, Gabriela Souza Correia, Isabela Souza Correia e por Guilherme Lima de Paula, da Etec Zona Leste. A ideia do aplicativo é facilitar a comparação de preços de produtos, auxiliando as famílias a administrarem o orçamento em tempos de alta inflação.

Além de passar por oficinas e formações ao longo do programa, os vencedores ganharam smartphones e estão recebendo uma consultoria técnica com duração de cinco meses, voltada a apoiá-los para que tornem os seus projetos produtos viáveis para o mercado.



destaques



Etec Zona Leste (Capital)

Uma mulher negra, favelada e catadora de papel escreveu o livro *O Quarto de Despejo*, que virou best-seller em 1960. Ao contar essa história em um podcast 🎧, a aluna @Julia da Silva Dias Gonçalves ganhou um prêmio internacional 🏆 para trabalhos sobre mulheres 🧑‍🚀 que impactaram a região onde viveram. Conheça Carolina de Jesus: <https://shre.ink/m5re>



Etec Tereza Ap. C. N. de Oliveira (Capital)

Para pensar um planeta mais sustentável 🌍, a distribuidora de energia Enel promove o concurso mundial *We Are Energy*. O vencedor deste ano no Brasil foi o aluno @Caio Henrique Moraes Martins, com o projeto Alpha HF, que propõe estações de captação de energia eólica 🌬️ em rodovias e locais onde circulam trens e metrô 🚇. Essa foi a segunda vez que Caio levou esse prêmio!



Etec e Fatec de Registro

Um aplicativo que seleciona para o turista as empresas capazes de prestar os serviços de que ele necessitará em seu roteiro de viagem 🌈. Com esse projeto, a equipe dos alunos @Jocieli Pontes e @Laerte dos Santos Aguiar, da Etec, e @Augusto Borges, da Fatec, venceu o 1º HackaTur – Vale do Ribeira 📱. Mais de 50 estudantes participaram do torneio, que durou 🕒 36 horas!